

A lira, a pedra, a formosa fonte. Tópicos para uma leitura da poesia de José Leite de Vasconcelos¹

MARIA DO SAMEIRO BARROSO*

RESUMO

Neste artigo, são apontados os tópicos referenciais da poesia de José Leite de Vasconcelos, sendo salientada a importância do seu contributo como complemento biográfico. Ilustrado por excertos de alguns dos seus poemas, são sucintamente analisadas as dúvidas, o silêncio e o vazio, resultantes do conflito interior provocado pelas relações que estabeleceu com Deus, o amor e as crenças e cultos antigos, à luz da metodologia que adoptara, em relação à História, à Arqueologia e à Ciência. A reconstituição de cenas da antiga Lusitânia e a sua recriação de cultos de deuses indígenas pontuam, a nosso ver, a marca mais significativa de originalidade deste poeta.

Palavras-chave: Arqueologia – Poesia – Ciência – Deus – Amor – Lusitanos

ABSTRACT

In this article, the reference topics of José Leite de Vasconcelos' poetry are pointed out, highlighting the importance of their contribution as a biographical complement. Illustrated with some of his poems' extracts, we briefly analyse the doubts, the silence and the emptiness that result from the inner conflict caused by his relation with God, with love and ancient beliefs and cults, in the light of the methodology he had adopted relating to History,

¹ Ao Senhor Doutor Luís Raposo, agradeço o estímulo e o convite para a realização deste trabalho.

* Médica, escritora e investigadora. m.sameirobarroso@netcabo.pt

Archaeology and Science. The reconstitution of scenes of ancient Lusitania and his recreation of indigenous deities' cults mark, from our point of view, this poet's most significant trait of originality.

Keywords: Archaeology – Poetry – Science – God – Love – Lusitanians

José Leite de Vasconcelos, nascido em Ucanha, concelho de Tarouca, a 7 de Julho de 1875, falecido em Lisboa, a 17 de Maio de 1941, dedicou a sua vida ao estudo da Etnografia, da História, da Arqueologia, da Epigrafia, da Numismática, da Linguística, da Filologia e da Literatura. No meio rural em que nasceu, o seu gosto pelos livros e a sua vocação para a ciência cedo se revelaram:

*“Visão! porque foi que tu me apareceste?
Eu era tão feliz naquela paz celeste,
Naquella longa noite em que eu vivia há tanto
Como o aldeão no campo ou no seu nicho o santo...
Ninguém me perturbava o meu silêncio obscuro,
Toda a terra um jardim... uma glória o futuro...
Tinha o ideal alli no livro aberto”* (fig. 1).

O curso de Medicina, que frequentou na Escola Médico-Cirúrgica do Porto e concluiu em 1886, constituiu a sua formação de base, tendo-lhe proporcionado o rigor científico e o conhecimento das estruturas anatómicas, bem como o conhecimento das doenças que lhe foram úteis nos seus estudos arqueológicos e bioantropológicos posteriores².

Autor do *Romanceiro português* (1886) e *Teatro Popular Português* (1979), publicados após a sua morte, foi também autor de *Poesia amorosa do povo português*

² Ver, por exemplo, os seus estudos sobre a trepanação (1897, I, p. 170-197).

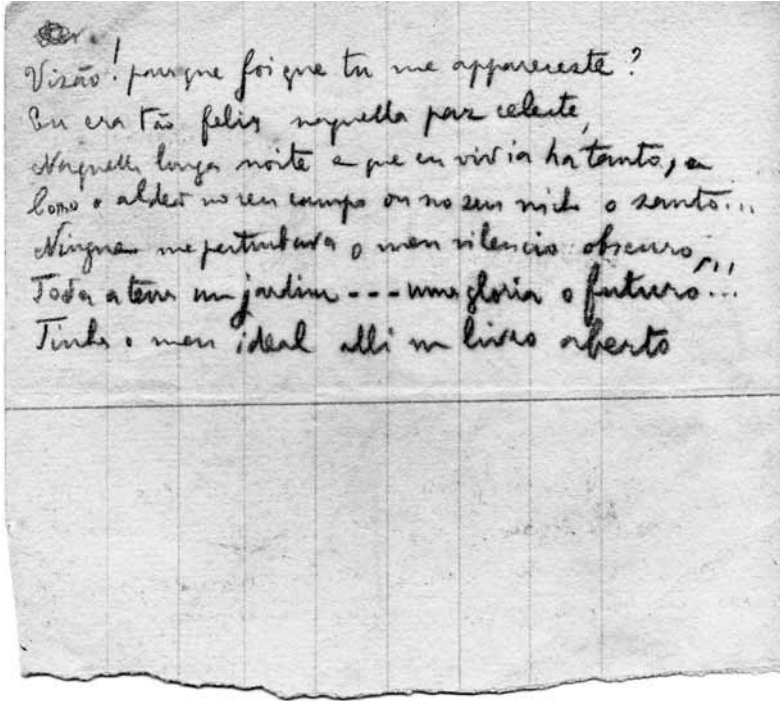


Fig. 1 – Inédito [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo pessoal JLV.

(1890), entre outras recolhas etnológicas. Publicou, em vida, dois livros de poesia: *Baladas do Ocidente* (1885), e *Nuvens* (1889), opúsculos poéticos: *Poema da Alma* (1879), *A Consciência dos Séculos* (1880), *Poema perdido* (1895), *Lira de um morto* (1896), *Mãe*, *Carme poliglótico* (1914), além de um vasto número de poemas em jornais e revistas³, e um vasto legado de poemas inéditos, um romance e duas peças de teatro.

A sua poesia, além de fornecer elementos que constituem complemento precioso para a sua biografia e a sua *Weltanschauung* (*cosmovisão*), alarga as suas reflexões em relação à ciência e às suas relações com os cultos antigos e a religião cristã, reflectindo a crise de valores e a mudança de paradigma, provocada pela viragem antropológica que se iniciara nos finais do século XVIII, e proporcionamos o contacto com as dúvidas existenciais e os problemas religiosos que se colocavam, em termos de epistemologia da Ciência, que, desde os finais do século

³ Sobre a bibliografia completa da poesia publicada, ver Cepeda (1960, p. 139-142).

XVIII, se distanciava, com novos conceitos e metodologias, dos antigos saberes que envolviam as ciências ocultas, a magia, as superstições e as crendices.

Numa outra linha, recria grandes temas da literatura universal, como o *Cântico dos Cânticos* e, de forma única e absolutamente original, na nossa literatura, amplia e desenvolve os conhecimentos, resultantes das suas investigações, reunidos, fundamentalmente, nos três volumes das *Religiões da Lusitânia* (Vasconcelos, 1897). A partir das suas informações precisas e da sua imaginação poética viva, recria momentos e figuras históricas, desde os mais recuados cultos e deuses, indígenas da Lusitânia, proporcionando-nos momentos de inegável fruição estética.

Os temas amorosos e elegíacos são frequentes na sua poesia. No entanto, o núcleo temático ligado ao seu vasto conhecimento da Arqueologia e da História Antiga parece-nos o seu traço mais marcante.

No poema *Livro Sibilino*, encenando a própria epifania sibilina, o poeta reúne a tríade temática sobre a qual se desenvolvem as linhas referenciais da sua poesia. Neste poema, está patente, pelo seu gosto e pela sua prática arqueológica, uma reconstituição dos cultos pré-cristãos, envoltos na nostalgia da religiosidade cristã, também perdida:

*Ninguém ama, como eu, a poesia das ruínas,
Quando o luar inunda as áridas⁴ campinas*
(Vasconcelos, 1885, p. 70-71).

A morte, ubíqua, evocada entre as *nuvens pardacentas*, abre-se sobre um cenário de abandono que o conduz para os tempos arcaicos, para as camadas mais fundas do inconsciente, como que chegando às margens do obscuro Letes, onde a memória se dilui no esquecimento.

No ambiente de ruína e solidão, é recriado o culto de um antigo deus ctónico, oracular, que, pela mediação da sua profetisa, no tempo a que acorriam os seus devotos:

*... Num templo carcomido, entre estátuas de argila,
Frágeis como a ilusão, o Livro da Sibila.
Pobre templo pagão, já sem aras, nem portas!
Enroscavam-se nele as heras semi-mortas,
Como a dor que se enlaça a um coração ferido:
Por tecto apenas tinha o azul indefinido
De firmamento: o chão coberto, alcatifado*

⁴ Na edição original figura a palavra “virides”, tendo sido riscada e substituída, pelo autor, por “áridas”, (1885, p. 70).

A epifania da Sibila, surgindo das profundezas da terra, consubstanciando em si os domínios obscuros da noite dos tempos, brota uma luz, tal íntima lucerna, através da qual o poeta se liga ao Destino, ao simbólico, ao uno e ao infinito:

*Quando o sol vier doirar as ondulantes searas,
 Voa, ó pomba do amor, que para o bem nasceste! ...
 Eu hoje venho aqui, neste solene dia,
 Não trazer-te o colar de estrelas da poesia,
 Mas somente o hieróglifo estranho
 Que acabei na escavação de umas ruínas; venho
 Lá de longe também, da minha vida rude!
 Por ti, que tens na alma um sacrário, — a virtude;
 O sol no olhar; na boca o aroma da magnólia;
 Na voz os sons que exala ao vento a harpa eólia,
 E no esplendor da face as tintas da alvorada:
 A Eritreia esculpiu, numa pedra lavrada,
 O simbólico enigma, as letras do destino,
 — Monumento sagrado! o Livro Sibilino:
 Por ti o exumei do chão da antiguidade.
 Foi a primeira vez que ele falou verdade.*

(Vasconcelos, 1885, p. 74).

Não podemos deixar de salientar a monumentalidade e a originalidade desta poesia. A escolha cuidada das palavras, bem como a cadência harmoniosa do ritmo e a rima criam versos de uma musicalidade que lembra Camilo Pessanha, autor de quem José Leite de Vasconcelos transcreve um poema, que classifica como “Excêntrico soneto”, extraído da *Clepsidra*, publicada em 1920, na obra *A Medicina dos Lusitanos*, a propósito do seu estudo sobre tatuagens:

*Tatuagens complicadas no meu peito:
 — Troféus, emblemas, dois leões alados...
 Mais, entre corações engrinaldados,
 Um enorme, soberbo, amor-perfeito...*

(Vasconcelos, 1925, p. 44-45).

De forma talvez menos excêntrica mas bastante fora do comum, no âmbito da poesia portuguesa, sentimos, na voz deste poeta, os báculos, o Sol, as

espirais neolíticas, os vestígios dos rituais da Idade do Bronze e o alvorecer da alma lusitana. Pela sua palavra, recuamos ao passado, perpetrado em inscrições indecifradas, divindades indígenas, rodeadas de âmbar benfazejo, amuletos cranianos, rosários de xisto ou contas de azeviche, com os seus devotos entoando os seus cânticos, fazendo oferendas, junto às nascentes obscuras das fontes pré-romanas.

Nos rios, outrora protegidos por deusas como Nabia, divindade indígena, protectora das águas, ou nas cavernas, morada de Atégina, deusa infernal, assemelhada a Proserpina (Vasconcelos, 1897, II, p. 146-170), ou nas montanhas, ainda impregnadas por templos perdidos, como o templo do deus Endovélico, em S. Miguel da Mota, encontramos ampliadas as suas investigações, descritas nas *Religiões da Lusitânia*. Outra deusa indígena, que refere na sua poesia e a quem dedica uma ode, é Trebaruna (Vasconcelos, 1898, p. 179-181).

Assim como outros artistas procuraram, no seu passado mais remoto, a sua identidade e a sua origem (referimo-nos, por exemplo a Pablo Picasso, que também se inspirou nas esculturas ibéricas antigas), José Leite de Vasconcelos assume-se como devoto de Trebaruna, a deusa da antiga Igitânia, actual região de Castelo Branco:

*Trebaruna! não há nos idiomas da terra
 Nome de mais poesia ou de maior encanto:
 Dás-nos prazer na paz e vitória na guerra...
 Bem-baja o teu influxo onnipotente e santo!...
 E tudo jaz na ruína: o tempo avaro, infando,
 As aras derrubou, às ovações pôs termo:
 Onde dantes se ouvia o antístite rezando,
 Cresce o zimbro silvestre e o sargaço, num ermo.
 Eu fiz-te renascer, eu dei-te vida nova!
 Quando pois eu dormir p'ra sempre, tu há-de ir,
 Linda deusa beirã, guardar a minha cova,
 Embalar o meu sono, a cantar e a sorrir...*
 (Vasconcelos, 1885, p. 70).

Com a sua capacidade enciclopédica, consubstancia, na Ciência e na Arte, a força mediadora que potencia os rumos vivificadores, aos quais ascende a realização do espírito humano:

*A terra foi medida, e foi sondado o oceano,
 — A Natureza chora ao peso das algemas —,
 E a Arte, irradiação do pensamento humano,
 Vive cristalizada em límpidos poemas*
 (Vasconcelos, 1885, p. 250).

Durante o século XVI, o mundo começara a ser medido, entendido, estudado, havendo, racionalismo emergente, no século XVII, na Idade das Luzes. Nos finais do século XVII e durante o século XVIII, Leibniz (1646-1716) e David Hume (1717-1776) tinham mostrado que o verdadeiro método científico se baseava na observação e na experimentação. As relações alma-corpo e as suas implicações anátomo-fisiológicas, bem como a psicologia empírica dos finais do século XVIII, eram assunto com que se debatiam os médicos e os filósofos, tendo nascido um novo conceito, o de *antropologia, como uma terceira ciência entre fisiologia (doutrina do corpo) e psicologia (doutrina da alma)*, investigando o *corpo e a alma nas suas relações mútuas, na sua influência alternada (influxus physicus) e mútua... num contexto mais amplo, o da empirização das ciências no século XVIII*. (Riedel, 2007, p. 38). A procura da Verdade impunha-se, tal como alude Friedrich Schiller (1759-1805), também médico de formação, autor de charneira da viragem antropológica verificada no final do Século XVIII⁵:

*Nos limites eternos da Verdade, o homem
 Vagueia sem cessar, na sua rebeldia,
 Impelido por pensamentos inquietos,
 Precipita-se no oceano da sua fantasia.
 Com avidez agarra o longe,
 Seu coração jamais conhece a calma,
 Incessante, em estrelas distantes,
 Busca a imagem do seu sonho.*⁶

Nos finais do século XIX, início do século XX, a ciência tinha dado largos passos. As crenças oraculares antigas eram sentidas como ilusões, já se tinham esvaziado de conforto e sentido, tendo sido substituídas pelas verdades da Ciência:

⁵ Sobre este assunto, ver Riedel (1985).

⁶ *Ewig aus der Wahrheit Schranken/Schweift des Mannes wilde Kraft, / Unstät treiben die Gedanken / Auf dem Meer der Leidenschaft. / Gierig greift er in der Ferne, / Nimmer wird sein Herz gestilt, / Rastlos durch entleg'ne Sterne / Jagt er seines Traumes Bild.* (excerto do poema "A dignidade das mulheres" (*Würde der Frauen*), de Friedrich Schiller, in Barroso (2005, p. 181-194).

*...De toda a parte vinha a humanidade
 Ali buscar alívio ao peito enfermo,
 Sorrir à claridade
 Que do Olimpo descia
 Àquela paz dulcíssima do ermo,
 Nas ilusões que dava a profecia.*
 (Vasconcelos, 1885, p. 251).

O insondável, tal como tinha sido vivido desde os progressos da Ciência, ocorridos, cada vez menos lugar para o mistério:

*Era assim noutro tempo mais escuro...
 Nós hoje também vamos apressados
 Perscrutar o futuro,
 Ébrios e luz e glória,
 — Não na voz dos oráculos sagrados,
 Mas nas leis que regulam toda a História.*
 (Vasconcelos, 1885, p. 252).

Um dos poemas mais ilustrativos do louvor à Ciência é o poema *Matemática* (fig. 2). Mas esta, provocando o desaparecimento dos mitos e a morte dos deuses, deixa-lhe uma certa nostalgia, tal como expressa na última estrofe do poema *O Vento* (fig. 3).

A sua voz é a voz do ser desencantado que opera, através da Ciência, para conhecer e intervir, dominando a Natureza. Para Merleau-Ponty (1992, p. 13), *A ciência manipula as coisas e renuncia a habitá-las. Para si estabelece modelos internos das coisas e, operando sobre estes índices ou variáveis permitidas pela sua definição só se confrontam de quando em quando com o mundo actual.* A ciência clássica, configurando em si o sentimento da opacidade do mundo, visava unir-se a ela através das suas construções⁷, mas, nem sempre, nas suas operações, procura um fundamento transcendente ou transcendental. *Pensar é experimentar, operar, transformar, com a única reserva de uma verificação experimental*⁸.

⁷ Inédito [Manuscrito], poema *O Vento*. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo pessoal JLV.

⁸ *Ibidem*.

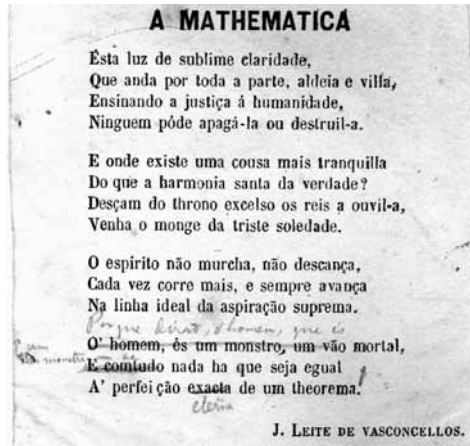


Fig. 2 – Poema *Matemática*. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo pessoal JL.V.

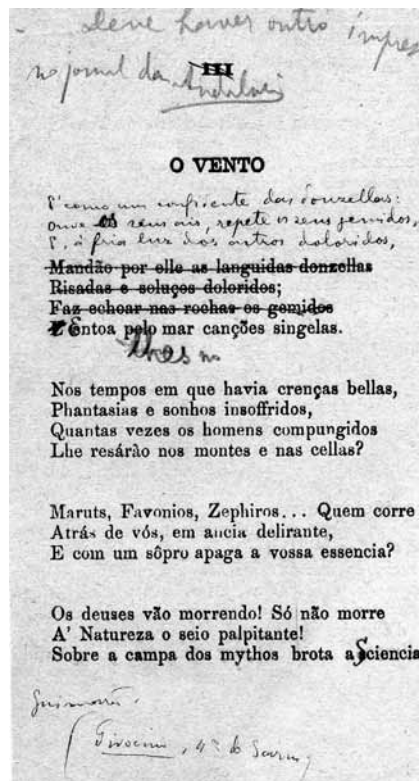


Fig. 3 – Inédito [Manuscrito], poema *O Vento*. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo pessoal JL.V.

No percurso da evolução do pensamento científico: *É necessário que o pensamento da ciência — pensamento de sobrevoos, pensamento do objecto em geral — se coloque de novo num aí prévio, in locus, sobre o solo do mundo sensível e do mundo trabalhado.* (Merleau-Ponty, 1992, p. 15).

No entanto, a ruptura ontológica entre os paradigmas da ciência e a totalidade do ser e do mundo continua aberta. Apenas na Arte, o Homem alcança a sua totalidade. A consciência da fragilidade cósmica do ser leva-o a perscrutar o futuro, consciente do seu devir incessante:

*«Quem poderá deter no voo alma errante,
«Quando, com o fulgor de um raio purpurino,
«Do Futuro penetra as sombras triunfante,
«E se enleva a escrever o Livro Sibilino?
«Quem poderá deter no voo a alma errante?»*
(Vasconcelos, 1885, p. 73).

Esta errância leva-o a uma instabilidade e a uma insatisfação e a uma crise de valores religiosos. Adepto incondicional dos valores da Ciência, deixa antever um certo vazio, que esta dedicação implica, por motivos inerentes à adopção dos novos métodos e pelas novas concepções do mundo. O poema *O cego* abrindo o capítulo *Realidades* dá conta do abandono a que o Homem se sente votado, ao pôr em causa as crenças religiosas:

*Como um cego que vai de noite, abandonado,
Incerto, a tactear as sombras pela rua,
Ali cai vacilante, aqui braceja irado
Contra Deus, que, acendendo em cima o sol e a lua,*

*A ela o mergulhou naquela escuridão:
Assim às vezes vive o nosso coração...*
(Vasconcelos, 1885, p. 253).

Este poema não pode deixar de me evocar *Schicksalslied (Canção do Destino)* de Hölderlin (1770-1843), emblemática do desamparo a que o ser humano, no final do século XVIII, se sentiu votado:

*... Porém, o nosso destino
É não descansar em lugar algum,
Caem, desaparecem*

*Os homens votados ao sofrimento
 Às cegas de uma
 Para outra hora,
 Como água impelida
 De escolbo para escolbo
 Anos após ano, rumo à incerteza.⁹*

O conflito entre a Ciência e a crença em Deus colocava-se, de forma cada vez mais premente, desde o século XVII, época em que proliferavam doutrinas mecanicistas. No final do século XVIII, o fisiologista Albrecht Von Haller, nas suas experiências com rãs decapitadas, tinha demonstrado que as partes do corpo sem cabeça se moviam, graças a estímulos mecânicos, e que essa actividade não dependia inteiramente do cérebro. Estas experiências questionavam a existência de Deus, do além e da imortalidade (Riedel, 2007, p. 36). No poema *Na Brecha*, J. L. Vasconcelos repete esta pergunta, colocada dois séculos atrás:

*«Onde está Deus?» — Assim eternamente
 O homem pergunta ao mar e à ventania¹⁰ :
 Nada lhe diz ao certo a Teologia
 Pela boca do Papa omnisciente.
 ...«Onde está Deus?» — conclama a flor e o astro,
 Moisés, Maomé, Confúcio, Zoroastro,
 Apostrofando as sombras pelos céus...*

*Todos repetem a pergunta estranha:
 E só de espaço a espaço na montanha
 Responde um eco triste: «Onde está Deus?»*
 (Vasconcelos, 1885, p. 261).

Este poema é o epicentro do vazio, do Homem entregue a si próprio, decorrente da descoberta da ausência de Deus, que, com Nietzsche e Kierkegaard, tinha chegado ao seu clímax. Para Maria Zambrano, *O ser sem referência alguma*

⁹ *Doch uns ist gegeben, / auf keiner Stätte zu ruhn; / es schwinden, es fallen/die leidenden Menschen/blindlings von einer/Stunde zur andern,/wie Wasser von Klippe / zu Klippe geworfen,/Jahrlang ins Ungewisse hinab.* (Hölderlin, 1997, p. 184).

¹⁰ Na edição, figuram as palavras *monte* e *penedra* riscadas, substituídas por *mar* e *ventania*.

ao seu centro jaz, absoluto, enquanto apartado, separado, solitário. Sem nome. Ignorante, inacessível (2008, p. 53)¹¹.

Tentado ainda pela sabedoria dos antigos mágicos, como S. Frei Gil, que o visita, guiado pelo racionalismo científico, nele não encontra já qualquer conforto:

*Chamo-me S. Frei Gil.
Ninguém, ninguém me iguala
Nas minhas artes mágicas! Eu vou
Aonde o sábio não chega, nem chegou!...
Quando eu rezo, não há no Céu mistério.
Logo ele se descerra,
E Deus fala comigo. O seu império
É também o meu. Dois deuses há então...
(Vasconcelos, 1898, p. 145).*

O tempo de Fausto terminara no final do século XVIII. Com Lavoisier, a Alquimia dera lugar à Química. S. Frei Gil, com as suas artes mágicas, já não é credível a seus olhos, nem a sua arte lhe traz qualquer conforto:

*E se falas com Deus...é teu proveito.
Parte, velho monge. No meu peito
Continua a cair a noite escura...
Não prestam tuas artes augurais!
(Vasconcelos, 1898, p. 146).*

Mais credibilidade lhe oferece Hipócrates, “o seu mestre”, no alvor da ciência médica:

*... Quem duvida dessa ciência,
Hipócrates, meu mestre? O que não deve
Ao teu engenho e amor a humanidade?
A negar quem se atreve
O teu puro carácter e bondade?
Ou não se apraz em repetir de cor
Os Aforismos?...
(Vasconcelos, 1898, p. 138).*

¹¹ Zambrano M. *apud* Cantinho, M. J. – *A dança da metamorfose*.

Estes dois poemas pertencem a um ciclo a que chamou *Sonho de Amor, Poemeto* (Vasconcelos, 1898, p. 131-150). Neste ciclo, surgem várias figuras, nas quais procura consolo para a privação amorosa. Mas ninguém o conforta, como que fazendo eco das palavras de Novalis (1772-1801), *O coração é a chave do mundo e da vida*. (1992, p. 55)¹². O ciclo termina com os versos:

*Quando uns divinos olhos de mulher
Nos fascinam, e nós só vemos
Aquela que sonhamos e queremos,
E além da qual não há nenhum prazer,*

*E enfermiços de um mal estranho e forte
A correr caminhamos para a morte,
Nem bordão de Frei Gil, nem medicina
De Hipócrates, nem ciência de Zenão,
Nem canto de Lucrecio, nem doutrina
Do santo mais bondoso e mais cristão,
Produzem o efeito tentador
De um sorriso de amor!*

No preâmbulo do mesmo livro, *Nuvens*, confiara ao leitor o seu sofrimento perante a incompreensão amorosa:

*D'aquela que passou escondido e ignorado,
Cantando o seu amor a quem não o entendeu,
Numa noite sem fim, num sonho desvairado,
Acaso poderá dizer-se que viveu?
(Vasconcelos, 1898, p. 149).*

O segundo poema do livro *Vana Spes* termina com a afirmação da aspiração prioritária do amor:

*Assim, neste deserto da existência,
Em que não oiço um ai consolador,
Nem ao menos derrama a sua essência
O lírio branco e trivial do amor.*

¹² *Das Herz ist der Schlüssel der Welt und des Lebens*, tradução de Rui Chafes.

Na sua poesia, convivem, lado a lado, a paixão pela Arqueologia e o seu reverso:

*À visita das ruínas de Tróia
(defronte de Setúbal)
Branquejam na areia dispersos os ossos
Das raças extintas na dor, na aflição...
Oh! torres caídas! oh! velhos destroços!
Ninguém vos entende...Só meu coração.*
(Vasconcelos, 1898, p. 102).

Ao ler a poesia de J. L. Vasconcelos, verificamos que, para o homem que dedicou a sua vida à Ciência, o amor constituía afinal o leme da vida. Num poema datado de 1894, *Num leque*, reafirma:

*La perdido o astrónomo, à procura
Da luz que lbe fugira pelos céus...
Pobre do sábio! em longa noite escura,
Tendo tão perto a luz dos olhos teus!*
(Vasconcelos, 1898, p. 169).

Este tema é recorrente. No poema *Nuns anos*, continuamos a acompanhar a lacuna amorosa que a entrega à Ciência não preenche:

*Não cuides que somente a arqueologia
Me arrebatava e endoidece,
E, como um flamen, gasto a noite e o dia
Em reverente prece*
(Vasconcelos, 1898, p. 151).

No livro *Baladas do Ocidente*, o poema *Paradisus Voluptatis* recria, num cenário exótico de volúpia amorosa, o *Cântico dos Cânticos*:

*Co'a pompa inenarrável do Oriente,
Em meio de ruínas que agitavam
Turíbulos de incenso rescendente,
E o Cântico dos Cânticos entoavam,
Numa alegria imensa, indefinida,
Como a luz, — seio ubérrimo de vida.*
(Vasconcelos, 1885, p. 132-135).

Para si, imaginara também as suas próprias *Núpcias de ouro* (Vasconcelos, 1885, p. 61).

Num poema inédito que transcrevemos, confessa, com toda a expressão, o seu desejo:

*Ó fonte de roman, ó fonte dos desejos,
quem me dera sorver o aroma do teu rosto,
o meu maior prazer, o meu mais fino gosto...
— ó púrpura gentil, — era matar-te aos beijos!!!* (fig. 4).

No poema *Tarde de Outono* (fig. 5), confessa o seu único e verdadeiro amor. Como conforto, regressa ao tempo em que, na antiga Lusitânia, os doentes vinham para a rua procurar alguém que conhecesse o seu mal e possuísse algum remédio para a cura, fazendo referência às suas pesquisas sobre a Medicina proto-histórica que expõe no livro *A Medicina dos Lusitanos* (1925, p. 15):

*Já não podia mais! e fui sentar-me,
Assim doente, e cheio de aflição,
À beira de uma rua concorrida:
Com quem passasse, vinha consultar-me,
Ouvir o seu conselho e opinião,
Tomar conforto para a minha vida:
Como faziam, — e não era insânia!
(Pois a experiência sempre nos ensina)
Os selvagens da velha Lusitânia,
Que não sabiam de outra medicina.*
(Vasconcelos, 1898, p. 133-134).

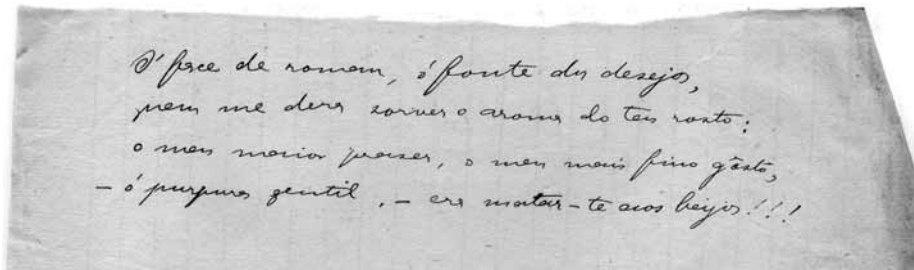


Fig. 4 – Inédito [Manuscrito]. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo pessoal JLV.

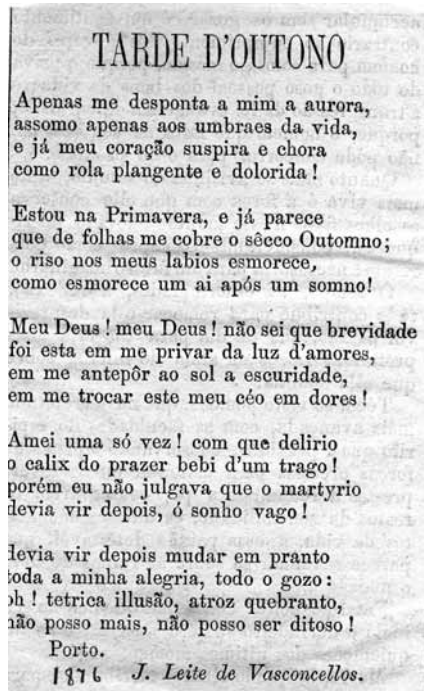


Fig. 5 – Poema *Tarde de Outono*. Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo pessoal JLV.

As encenações vivas e empolgantes da vida na antiga Lusitânia são um tema recorrente neste autor e uma marca da sua originalíssima personalidade. No poema *A Citânia*, dedicada ao seu amigo F. Martins Sarmiento, assume, na sua mais profunda tradição, a sua própria herança, que está na origem das nossas mais profundas fontes.

Apesar da rudeza da vida quotidiana, nas suas actividades de guerra ou dança, sobre vastos *lageados*, os cânticos entoados pelos *bárbaros soldados*, junto ao rio Ave, de *águas cristalinas*, sob o magnífico cenário de *um céu de diamante*, não nos deixam dúvidas de que a harmonia e a beleza que neles pressentiu não deixaram os deuses indiferentes:

Nenhum de nós jamais temeu a morte,
Ou soube a cor do medo!
Sim, eu aplaudo o vosso belo canto,
Esses binos os deuses hão-de ouvi-los.
(Vasconcelos, 1898, p. 166).

BIBLIOGRAFIA PRIMÁRIA

VASCONCELOS, J. L.

- (1885) - *Baladas do Ocidente*. Porto: Livraria Portuense.

- (1897) - *As Religiões da Lusitânia*. 1ª Lisboa: Sociedade de Geografia, Imprensa Nacional Casa da Moeda. 3 vols.

- (1898) - *Nuvens*. Porto: Livraria Chardin.

- (1914) - *Mãe, carne poliglótica*. Coimbra: Imprensa da Universidade.

- (1925) - *A Medicina dos Lusitanos*. Lisboa: Faculdade de Medicina de Lisboa. Primeiro Centenário da Fundação da Régia Escola de Cirurgia de Lisboa.

- Escritos de J. L. de V., Literatura amena (jornais, revistas e recortes). Acessível na Biblioteca do Museu Nacional de Arqueologia, Lisboa, Portugal. Arquivo pessoal JLV.

BIBLIOGRAFIA SECUNDÁRIA

BARROSO, M. S. (2005) - *A dignidade das mulheres*, seguido do ensaio *A harpa estrangulada do silêncio*. Boletim de Estudos Clássicos. Coimbra. 44.

CASTRO, Z. O. [et. al.] (2008) - *Reflexões em torno de Maria Zambrano*. Faces de Eva. Lisboa: Câmara Municipal.

CEPEDA, I. V. (1960) - Bibliografia de José Leite de Vasconcelos. In *José Leite de Vasconcelos, Livro do Centenário (1858-1958)*. Lisboa: Universidade, Faculdade de Letras, Imprensa Nacional.

HÖLDERLIN, F. (1997) - *Hiperion ou o Eremita da Grécia*, tradução de M. T. D. Furtado. Lisboa: Assírio & Alvim.

MERLEAU-PONTY, M. (1992) - *O Olho e o Espírito*. Trad. de Luís Manuel Bernardo. Lisboa: Veja.

NOVALIS (1992) - *Fragmentos*. Lisboa: Assírio & Alvim.

RIEDEL, W. (1985) - *Die Anthropologie des jungen Schiller, Zur Ideengeschichte der medizinischen Schriften und der "Philosophischen Briefe"*. Würzburg: Königshausen & Neumann.

RIEDEL, W. (2007) - A viragem antropológica: Schiller como pensador da época de Charneira. In.

CADETE, T. M. L. R. e SANTOS, L. Ribeiro dos, orgs. - *Actas do Colóquio Internacional Schiller, Cidadão do Mundo*. Trad. de Teresa Rodrigues Cadete. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade.